



O PIBID NA ESCOLA: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE APRENDER COM BOLSISTAS DO PIBID PEDAGOGIA UFRN-CAICÓ/RN?

Jacicleide Ferreira da Cruz Melo¹

Jéssica Bárbara Araújo de Lira Menezes²

Marilene da Silva³

Larissa Danielli de Medeiros Silva⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada por Bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Pedagogia do CERES/UFRN/Caicó-RN. O estudo foi desenvolvido em duas escolas da rede pública municipal — Escola Municipal Auta de Souza e Escola Municipal Paulino Barcelos — e teve como foco central a escuta das crianças participantes das atividades pedagógicas promovidas pelas bolsistas do Programa. A proposta surgiu da necessidade de compreender como as crianças percebem as experiências vivenciadas a partir das ações do PIBID no cotidiano escolar. O objetivo foi investigar as preferências, percepções e sentimentos das crianças em relação às atividades realizadas, destacando quais experiências são mais significativas sob sua ótica. A investigação baseia-se na abordagem qualitativa de pesquisa, do tipo participativa (Minayo, 2014), por meio de roda de conversa com 4 crianças do 2º e 4º anos do Ensino Fundamental. A análise foi realizada a partir da transcrição das falas, permitindo compreender, com base em suas próprias perspectivas, suas preferências, a diferença percebida em relação às aulas regulares, os vínculos afetivos construídos e sugestões criativas para aprimorar as ações do PIBID em sua aprendizagem. Fundamentam teoricamente este trabalho os estudos de Canan (2012), Oliveira (2013) e Rausch (2013). Os resultados indicam que as crianças demonstraram preferência por atividades lúdicas, perceberam as aulas com os bolsistas como mais divertidas, relataram sentimentos positivos durante as vivências e apresentaram sugestões, revelando sua participação ativa no processo educativo. Conclui-se que o PIBID contribui para a criação de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e participativo, fortalecendo os vínculos entre escola, bolsistas e estudantes, e reafirmando a importância da escuta sensível no contexto escolar. Este resumo deverá ser o mesmo utilizado no formulário de submissão.

Palavras-chave: PIBID, Prática pedagógica, Participação Infantil, Formação Docente.

1 Professor orientador: Dra. Jacicleide Ferreira Targino de Melo Cruz - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jacicleide.melo@ufrn.br

2 Bolsista do PIBID, Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, jessica.lira.059@ufrn.edu.br

3 Bolsista do PIBID, Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, marilene.silva.045@ufrn.edu.br

4 Bolsista do PIBID, Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, larissa.silva.131@ufrn.edu.br



INTRODUÇÃO

O presente estudo, realizado por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Campus Caicó/RN, teve como foco central a escuta das crianças participantes das atividades pedagógicas promovidas pelas bolsistas do Programa. O objetivo foi investigar as preferências, percepções e sentimentos das crianças em relação às atividades realizadas, destacando quais experiências são mais significativas sob sua ótica. A proposta surgiu da necessidade de refletir sobre a prática docente formativa, fortalecendo os vínculos entre escola, bolsistas e estudantes, em uma perspectiva que valorize o protagonismo infantil, os saberes construídos na interação e o desenvolvimento pleno das aprendizagens.

Neste sentido, este trabalho coloca a criança como efetivo sujeito da pesquisa científica, buscando não apenas a valorização das suas falas, mas também a compreensão de sua perspectiva sobre o PIBID. A escuta sensível, torna-se, portanto, um instrumento essencial para construção dos dados do estudo, rompendo com a lógica tradicional em que o pesquisador ocupa o centro do processo investigativo. Ao contrário, valoriza-se a criança como sujeito ativo, curioso, criativo e capaz de expressar suas percepções e emoções. Conforme defende Rinaldi (2012, p. 12, apud Ramos et al., 2025): “Por trás do ato da escuta existe normalmente uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse. Há sempre uma emoção.”

A escolha da temática justifica-se porque considerar a criança como protagonista da pesquisa científica é uma perspectiva que tem orientado diversos trabalhos no Brasil, sobretudo pela influência da Sociologia da Infância. Além disso, como Bolsistas do PIBID, surgiu a curiosidade de investigar de forma mais sistemática as percepções das crianças sobre as atividades do Programa, considerando seus sentimentos, preferências e sugestões como elementos formativos para o aprimoramento das práticas pedagógicas. Para tanto, a pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública municipal de Caicó/RN — Escola Municipal Auta de Souza e Escola Municipal Paulino Barcelos — com estudantes de duas turmas (2º e 4º anos) do Ensino Fundamental.

Por fim, este artigo está organizado em cinco seções além desta introdução. A Metodologia apresenta o percurso investigativo e os procedimentos utilizados na coleta e análise dos dados. O Referencial Teórico baseia-se em pressupostos da Pedagogia da Infância





e Sociologia da Infância para discutir a importância de ouvir a criança, destaca a importância de reconhecê-las como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem. Nos Resultados e Discussão, expõem-se as falas das crianças e suas interpretações, destacando as contribuições e os desafios percebidos. As Considerações Finais sintetizam as principais conclusões do estudo e apontam implicações para a prática e para a formação docente. Por fim, são apresentadas as Referências, conforme as normas da ABNT.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter participativo, a qual, segundo Minayo (2014, p. 21) “responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Em outras palavras, trabalha-se com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

O principal instrumento de coleta de dados foram duas rodas de conversa realizadas com crianças participantes das atividades do PIBID, sendo uma na turma do 2º ano e outra no 4º ano. Para esse estudo, foram selecionadas falas de quatro crianças (duas de cada turma), identificadas como C1, C2, C3 e C4, preservando suas identidades por questões éticas.

As rodas de conversas foram conduzidas a partir de quatro perguntas abertas, que suscitaram percepções, preferências e sentimentos das crianças em relação ao Programa. Dessa forma, cada criança pôde participar de modo ativo e colaborativo, compartilhando suas opiniões sobre as atividades realizadas pelo PIBID. As entrevistas tiveram duração média de 20 minutos e foram registradas com auxílio de gravador de voz, possibilitando a transcrição e posterior análise dos dados. Além disso, os responsáveis legais das crianças assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), assegurando seus direitos e plena ciência quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa.

A análise dos dados ocorreu a partir da interpretação das falas das crianças, fundamentada no conceito de significado discutido por Vygotsky (2001). Para o autor, “o significado das palavras é ao mesmo tempo um fenômeno do pensamento e da linguagem, pois o pensamento é incorporado à palavra por meio do significado” (Vygotsky, 2001, p. 131). Neste sentido, buscou-se compreender não apenas o conteúdo literal das respostas, mas também os sentidos atribuídos pelas crianças às atividades do PIBID, revelando suas emoções, percepções e formas de interpretar as experiências vivenciadas.





Nessa perspectiva, as expressões infantis ultrapassam o nível imediato das palavras, pois carregam marcas de sua maneira singular de compreender o mundo e de interagir com o contexto escolar. Como enfatiza Vygotsky, “a palavra desprovida de significado é um som vazio, mas se ela tem um significado, pertence tanto ao domínio da linguagem quanto ao domínio do pensamento” (Vygotsky, 2001, p. 132). Assim, as falas foram entendidas como produções sociais e culturais, evidenciando a importância do diálogo e da interação no processo educativo. Desse modo, a escuta das crianças não se limitou a um registro descritivo, mas foi interpretada como manifestação de sentidos que revelam como elas se apropriam das práticas pedagógicas e ressignificam suas experiências no espaço escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com base nos princípios da Pedagogia da Infância, compreende-se que a criança produz conhecimento desde o nascimento, a partir das múltiplas interações sociais e das relações que estabelece com o meio, influenciando-o e sendo por ele influenciada, construindo significados a partir dessas vivências. Nessa perspectiva, o professor, enquanto mediador, deve possibilitar experiências significativas que deem sentido à infância, contribuindo para a construção de um ambiente educativo no qual a criança seja reconhecida como protagonista e centro do processo pedagógico. A criança, nesse contexto, é considerada:

Sujeito ativo, capaz de participar dos assuntos que lhes dizem respeito, e cabe ao adulto educador buscar formas de escutar a criança por meio de diferentes narrativas, possibilitando que ela se sinta legitimada para representar e oferecer interpretações de suas teorias, por meio da ação, emoção, expressão e representação, utilizando as linguagens que dispõe. (Rinaldi, 2016, p. 236, apud Ramos et al., 2025).

Essa escuta ativa, sensível e respeitosa fortalece o desenvolvimento de práticas pedagógicas baseadas na construção de significados, nos saberes prévios e nas múltiplas formas de expressão das crianças. Torna-se evidente, portanto, a importância de valorizar os conhecimentos que as crianças trazem consigo, bem como de despertar suas diversas linguagens, com vistas ao fortalecimento de suas capacidades cognitivas, sociais e afetivas. Para tanto, a atuação docente deve ser intencional e reflexiva, reconhecendo o professor como mediador da aprendizagem e articulador do desenvolvimento pleno das crianças.

Segundo Vygotsky (1991, p. 86), “as interações sociais e a relação entre professor e aluno são fundamentais para a construção do conhecimento”. Seus conceitos de mediação, internalização e zona de desenvolvimento proximal (ZDP) demonstram que a aprendizagem





se potencializa quando o sujeito, com o apoio de alguém mais experiente, supera seu nível atual de desenvolvimento e alcança novos patamares de conhecimentos.

Além disso, o professor deve buscar uma educação que considere todas as dimensões do ser humano, respeitando o contexto social, cultural e familiar em que a criança está inserida. Isso implica uma constante ampliação de sua formação e de sua prática pedagógica, de modo a oferecer um ensino que contemple as habilidades de aprendizagem e promova a participação ativa das crianças no processo educativo, reafirmando-as como protagonistas da ação pedagógica.

A produção teórica da Sociologia da Infância também reconhece as crianças enquanto atores sociais, capazes de construir suas próprias culturas e de contribuir para a produção do mundo adulto. Para Borba (2006):

As crianças se encontram em um mundo estruturado por relações materiais, sociais, emocionais e cognitivas que organizam suas vidas cotidianas e suas relações com o mundo. É nesse contexto que elas vão constituindo suas identidades como crianças e como membros de um grupo social. Não devem, todavia, ser vistas como sujeitos passivos que apenas incorporam a cultura adulta que lhes é imposta, mas como sujeitos que, interagindo com esse mundo, criam formas próprias de compreensão e de ação sobre a realidade. Isso porque esse contexto não apenas constringe suas ações, mas também lhes traz novas possibilidades. (Borba, 2006, p. 4).

Essa perspectiva rompe com a visão adultocêntrica de infância, que reduz a uma fase de incompletude. Ao contrário, compreende-se a criança como um ser competente, ativo, crítico e comunicativo, capaz de se posicionar diante das situações e relações que a afetam diretamente. Assim, torna-se fundamental reconhecer o direito das crianças de serem vistas, ouvidas e consideradas informantes principais em questões que lhes dizem respeito.

Borba (2008, p. 74-75), reforça essa visão ao afirmar que é necessário “[...] penetrar verdadeiramente no mundo da criança [...] e compreendê-la do seu próprio ponto de vista. Nesse contexto, ganha relevância a iniciativa de colocá-la como sujeito efetivo da pesquisa científica, não apenas como objeto de estudo.

O reconhecimento das especificidades da criança pela Sociologia da Infância coloca-a como sujeito pleno, dotado de lógica própria, distinta da do adulto e não inferior a ela. As ideias dessa abordagem exigem uma resignificação da concepção de criança e infância, para que os espaços que frequentam realmente considerem sua voz. Como aponta Sarmento (2000):

[...] a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações entre crianças, com a incorporação de afetos, da fantasia e da vinculação ao real. (Sarmento (2000, p. 156).





Com base nessas reflexões, compreende-se que a construção de vínculos afetivos entre educador e criança fortalece a confiança, o engajamento e a aprendizagem. No contexto da presente pesquisa, a escuta das crianças sobre as ações do PIBID em suas turmas possibilitou compreender como elas percebem e se posicionam diante das práticas propostas, contribuindo para a ressignificação da formação docente a partir de seus olhares.

Defende-se, portanto, que as crianças sejam mais que participantes, sejam protagonistas efetivas de seu processo formativo, vivenciado no cotidiano escolar. Além disso, entende-se que é no diálogo que emergem situações que resultam em aprendizagens significativas. Para isso, é necessário ampliar o sentido de escuta e observação docente, de modo que o educador repense sua atuação, seus conceitos e suas práticas, resultando em experiências que potencializam as múltiplas capacidades das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da questão norteadora - O que dizem as crianças sobre o PIBID na Escola? - foi possível identificar, por meio de suas falas, que as atividades do PIBID realizadas em sala de aula tiveram impactos positivos no processo ensino e aprendizagem. Observou-se, por exemplo, uma evolução significativa na participação das crianças ao longo do tempo: aquelas que inicialmente se mostraram tímidas, sem trocar informações ou expressar opiniões, hoje apresentam maior desenvoltura na fala, dialogam em roda com os colegas e demonstram percepções mais elaboradas quando questionadas.

Dessa forma, é nesse espaço de dar voz às crianças que percebemos o quanto estas se expressam de forma natural e questionadora, pois a criança por si só pensa, imagina e cria ideias que vão além do que esperamos. A criança é um ser em construção que deve ser acolhida com carinho e atenção, sendo fundamental proporcionar a elas espaços de diálogo e escuta sensível.

Quando perguntadas sobre quais atividades do PIBID elas mais gostam, responderam:

Criança 1: As de desenhar, porque é muito legal e eu gosto de desenhar.

Criança 2: São as brincadeiras que são mais legais.

Criança 3: Feliz... é boa.

Criança 4: Um autorretrato, tem uma pessoa escolhe o colega, aí pega uma pessoa que sabe desenhar, o colega vem na frente e a pessoa vai desenhando.

Esse registro evidencia que as crianças valorizam atividades que integram criatividade, ludicidade e interação social. A fala da Criança 1 revela um interesse intrínseco pelo desenho, que pode ser entendido como uma forma de expressão individual e construção de sentidos





sobre o mundo, alinhado ao que Vygotsky (2001) aponta sobre a mediação simbólica na aprendizagem. Já a Criança 2 destaca o lúdico, reforçando a importância da brincadeira como estratégia pedagógica para engajamento, aprendizagem e desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

A resposta da Criança 3 (“Feliz... é boa”) demonstra que as atividades despertam sentimentos positivos, evidenciando prazer e o papel afetivo do PIBID. Por fim, a fala da Criança 4 demonstra satisfação em atividades que envolve criatividade e interação social, corroborando a concepção Vygotskiana de que o desenvolvimento humano ocorre na relação com o outro.

Assim, a análise dessas falas aponta que o PIBID, ao propor práticas criativas, lúdicas e interativas, contribui não apenas para o engajamento das crianças nas atividades, como também na aprendizagem de conteúdos, favorece autoestima, expressão e convivência social.

Ao investigar a percepção das crianças sobre as aulas do cotidiano escolar e as atividades do PIBID, elas destacaram:

Criança 1: Eu gosto mais do PIBID, gostei daquela que a gente fez colagem com retalhos, porque foi muito legal a gente fazer, a gente pegou os materiais que estavam ali, a gente fez e foi muito legal fazer, essa daí foi minha preferida.

Criança 2: Sim, eu gosto mais do PIBID que é mais diferente do que as normais, as normais são legais também, só que essas são um pouquinho mais, porque a gente faz mais outras coisas, a gente desenha, faz atividades legais daí é bom.

Criança 3: Fico feliz com o PIBID porque é bom, é muito diferente, é legal.

Criança 4: Eu gosto do PIBID, gostei daquela brincadeira que, sabe, tem os bambolês, daí a gente tipo, fala sai da toca, daí uma pessoa fica dentro, daí tira o bambolê, daí se o coelho não chegar a tempo, daí ele perde a toca, mais ou menos assim eu acho... daí foi muito legal.

A análise dessas falas evidencia que as crianças percebem as aulas do PIBID como diferenciadas e mais envolventes em comparação às atividades tradicionais do cotidiano, além disso, apontam como positiva a metodologia lúdica utilizada nas atividades do PIBID. As falas revelam que elas valorizam atividades manuais, lúdicas e criativas, que despertam interesse e prazer no processo de aprendizagem, além de incentivar a participação ativa e o engajamento afetivo. As propostas inovadoras e diversificadas, como desenho, recorte, colagens e jogos, ampliam o repertório das crianças, tornando o aprendizado mais significativo, em consonância com Vygotsky (1991), que ressalta que a aprendizagem se potencializa na interação social e em experiências mediadas.

Sobre os sentimentos das crianças nas atividades do PIBID, elas enfatizaram:





Criança 1: Ah, eu gostei quando ela fez aquela moldurinha de cartolina e a gente desenhou, eu gostei mais.

X Encontro Nacional das Licenciaturas

Criança 2: É bom porque elas fazem brincadeiras, fazem histórias, roda de conversa, cartas, brincadeiras.

Criança 3: Fico feliz com as brincadeiras.

Criança 4: Alegria. Naquela brincadeira de mímica, que a gente, toda turma participou e cada um dos meus colegas fez uma imitação de algum animal, personagem, aí daí... ganhava um prêmio.

Essas falas indicam que as crianças experimentam sentimentos positivos e engajamento durante as atividades do PIBID. A Criança 1 valoriza experiências criativas e manuais, permitindo expressão individual; a Criança 2 destaca a diversidade das atividades, mostrando que a variedade e a interação social são fatores motivadores. A Criança 3 expressa satisfação de forma concisa, evidenciando impacto afetivo, enquanto a Criança 4 valoriza atividades coletivas e a dinâmica de participação, cooperação e aprendizado por meio do lúdico.

De forma geral, essas falas indicam que o PIBID cria um ambiente acolhedor e estimulante, no qual as crianças se sentem bem, motivadas, incluídas e reconhecidas em suas experiências, alinhando-se aos princípios de Vygotsky (1991) sobre aprendizagem mediada socialmente e a importância das interações sociais para o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Ao serem motivadas a propor novas atividades para o PIBID, as crianças participantes da roda de conversa, sugeriram:

Criança 1: Conversar em roda, porque a pessoa ouve cada uma pessoa falando.

Criança 2: O PIBID é divertido eu acho que... das atividades que elas fazem com jogos é muito boa.

Criança 3: Muito boas. Eu gosto das histórias contadas.

Criança 4: Jogos... pintura de tinta são os meus preferidos.

A análise das respostas mostra que as crianças valorizam tanto a interação social quanto as atividades lúdicas e expressivas. A Criança 1 destaca a importância da roda de conversa, evidenciando o interesse em ser ouvida e participar do diálogo, o que reforça a necessidade de espaços de escuta ativa e troca de ideias no ambiente escolar. A Criança 2 expressa satisfação com atividades lúdicas, indicando que aprecia o caráter prazeroso das atividades propostas.

A Criança 3 resume sua experiência como “muito boa”, evidenciando uma percepção positiva e de bem-estar durante os encontros, destacando as contações de histórias. Já a





Criança 4 enfatiza atividades mais práticas e criativas, como jogos e pintura de tinta, mostrando a relevância do aprendizado por meio da ação, expressão artística e exploração sensorial.

De maneira geral, essas falas apontam que as crianças valorizam experiências que combinam socialização, criatividade e diversão, alinhando-se à perspectiva de que a aprendizagem significativa se dá quando há interação, expressão e participação ativa, elementos centrais na mediação pedagógica proposta pelo PIBID.

As falas das crianças demonstram que elas reconhecem e valorizam as práticas lúdicas, criativas e interativas propostas pelo Programa, destacando o prazer, o engajamento e a participação ativa em todas as atividades. Observa-se que essas experiências promovem não apenas a aprendizagem de conteúdos, mas também o desenvolvimento integral das crianças, favorecendo a expressão individual, a interação social, a cooperação e a autoestima. Além disso, a possibilidade de sugerir novas atividades demonstra que as crianças se sentem protagonistas de seu processo educativo, evidenciando a importância de espaços de escuta, diálogo e mediação pedagógica, em consonância com os princípios Vygotskianos de aprendizagem socialmente mediada e significativa. Em síntese, os resultados confirmam que o PIBID contribui de forma efetiva para tornar o ambiente escolar mais acolhedor, estimulante e propício ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo desenvolvido por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculados ao curso de Pedagogia do CERES/UFRN/Caicó-RN, teve como foco a escuta e a fala das crianças no contexto escolar sobre o PIBID. A pesquisa investigou as preferências, percepções e sentimentos das crianças em relação às atividades realizadas no âmbito do PIBID, destacando quais experiências são mais significativas sob sua ótica. Além disso, possibilitou refletir sobre a relevância de práticas educativas que valorizem a participação ativa das crianças, promovem o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, afetivas e sociais, e favorecem a aprendizagem significativa.

A análise das falas das crianças evidenciou que as atividades conduzidas pelos bolsistas impactam diretamente o engajamento e a participação dos alunos, despertando entusiasmo e promovendo vínculo afetivo com o ambiente escolar. As crianças demonstraram percepção positiva dos momentos de aprendizagem, destacando especialmente atividades que envolvem ludicidade, criatividade e interação social, como jogos, contação de histórias,





desenhos e rodas de conversa. Observou-se, ainda, que elas se sentem motivadas a participar ativamente, propor ideias e interagir com os colegas, evidenciando o valor da aprendizagem colaborativa e da escuta sensível.

Dessa forma, conclui-se que as atividades propostas pelos bolsistas do PIBID não apenas ampliam a qualidade do ensino, mas também promovem um ambiente de aprendizagem acolhedor, sensível às necessidades das crianças e capaz de valorizar a escuta ativa como prática pedagógica. Além disso, contribui de maneira significativa para a formação inicial dos futuros docentes, ao inseri-los no ambiente escolar de forma reflexiva, colaborativa e afetiva. Em síntese, a experiência do PIBID evidencia a importância da integração entre teoria e prática no processo formativo de graduandos do curso de Pedagogia, fortalecendo as suas competências pedagógicas, estimulando a criatividade e consolidando o desenvolvimento integral dos alunos da Educação Básica.

REFERÊNCIAS

- BORBA, A. M. As culturas da infância no contexto da educação infantil. In: VASCONCELLOS, T. de. (Org.). **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: Eduff, 2008.
- CANAN, Silvia Regina. PIBID: promoção e valorização da formação docente no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores, **Revista Brasileira de pesquisa sobre Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 04, n. 06, p. 24-43, jan./jul. 2012.
- OLIVEIRA, Amurabi; BARBOSA, Vilma Soares Lima. Formação de Professores em Ciências Sociais: Desafios e possibilidades a partir do Estágio e do PIBID, **Revista Eletrônica Inter-Legere** - Número 13, julho a dezembro de 2013.
- RAUSCH, Rita Buzzi. Contribuições do PIBID à Formação inicial de Professores na compreensão de licenciandos bolsistas. **Atos de Pesquisa em Educação** - PPGE/ME, v. 8, n. 2, p.620-641, mai./ago. 2013.
- RAMOS, Tacyana Karla Gomes; SANTOS, Julianna Britto Oliveira; REIS, Vanessa Mendes; SANTOS, Cláudia Patrícia Melo Marinho; DIAS, Kátia Siene Santos; MELO, Ana Karolliny do Livramento. Escuta de Crianças e Planejamento de Práticas durante o Recreio: Experiência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no contexto da Educação Infantil. **ARACÊ**. [S. l.], v. 7, n. 6, p. 32616–32627, 2025. DOI: 10.56238/arev7n6-203. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/5913>. Acesso em: 9 ago. 2025.





VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

